



Na ausência de outros festivais de cinema com dimensão, o INDIE LISBOA tornou-se, desde a sua primeira edição, o grande festival português de referência internacional. À porta da sétimo festival, falámos com MIGUEL VALVERDE, um dos seus directores e programadores, que nos conduziu por num percurso que vai desde as primeiras experiências da ZERO EM COMPORTAMENTO, no CINE 222, até aos homenageados desta edição do INDIE LISBOA.

**Lembramo-nos perfeitamente da programação da ZERO EM COMPORTAMENTO para o CINE 222. A Francisca tinha 14 anos mas já era fã. Que trouxeram dessa experiência para o INDIE?**

Sempre tivemos a preocupação de mostrar autores que em geral não eram conhecidos. Se pensarem em alguns autores que por lá passaram, vão encontrar ressonância na programação que o INDIE tem. Ou seja, todos esses autores também passaram no INDIE, o que significa que, na prática, foi um evolução do trabalho que criamos. Não quer dizer que seja positiva ou negativa. Foi uma transformação para uma coisa diferente. Pessoalmente, acredito que o 222 tinha uma função que o festival infelizmente não tem, que é ter uma programação ao longo do ano, o que possibilita formar públicos. Nesse caso, o INDIE bebeu do público que foi formado no 222. A primeira edição do festival, em 2004, correu muito bem porque trouxemos pessoas que já estavam habituadas a ir ao 222. Em termos de evento, um festival é muito mais mediático do que a programação de um cinema, o que levou a que passássemos de 12 mil para 36 mil espectadores, na última edição. E temos uma perspectiva de crescimento este ano. O evento abriu-se para um público mais lato, o que uma programação não permitiria.

as salas multiplex e a indústria cinematográfica americana, através de apoios do Premium Media. A situação em Portugal é completamente inversa e não estamos a aproveitar os fundos da Comunidade Europeia que ajudam à criação deste tipo de salas. Gostaria que salas como a 222 voltassem a aparecer.

**Mas gostariam de voltar a fazer uma programação para uma sala de cinema?**

Sentimos que o trabalho no 222 não foi terminado. Fomos obrigados a orientarmo-nos para um evento para o qual não tínhamos uma vocação inicial. Na prática, concorremos a um concurso de apoio a festivais de cinema e acabámos por ver o projecto escolhido. Acho que o INDIE tem crescido e tem vivido com a mesma energia que existia no 222. Com a estrutura que temos hoje, provavelmente já éramos capazes de manter um evento e uma sala a funcionar regularmente.

O INDIE BEBEU DO PÚBLICO QUE FOI FORMADO NO CINE222. A PRIMEIRA EDIÇÃO DO FESTIVAL EM 2004 CORREU MUITO BEM PORQUE NOS TROUXÊMOS AS PESSOAS QUE JÁ ESTAVAM HABITUADAS A IR AO 222.

**Hoje, o festival atravessa um período de maturidade. Sentem-se uma referência internacional?**

Isto é fruto de um trabalho que tem sido construído ao longo do tempo e fruto da visibilidade internacional que o festival foi ganhando. Ou seja, desde a nossa primeira edição, quando homenageámos o FESTIVAL SUNDANCE, que as portas para o panorama internacional passaram a estar abertas e passámos a ter acesso aos festivais mais importantes. A partir daí, fomos construindo relações, convidando directores e programadores dos festivais mais importantes para serem membros do júri ou para falarem em painéis no festivais. No ano passado, MARCO MULLER, Director do FESTIVAL DE VENEZA fez parte do nosso júri internacional. O Director do FÓRUM DE BERLIM, a que prestamos tributo este ano, também já foi júri do INDIE. Curiosamente –e há coisas que acontecem por acaso, mas que têm a ver com a construção das relações– o actual responsável por Portugal na quinzena dos realizadores de CANNES é BENJAMIN MERIER que esteve em competição no festival de 2008 com uma curta-metragem. Veio e gostou muito do festival e, no ano passado, convidei-o para ser júri. Nem ele nem eu sabíamos que viria

a ser programador da QUINZAINÉ e muito menos responsável por Portugal. Como o INDIE acontece antes de CANNES, convidou-me para apresentar alguns dos filmes que poderiam entrar no perfil da QUINZAINÉ. Já tem a nossa selecção e eu acredito que se tenha criado aqui uma relação que vai permitir a alguns filmes nacionais do INDIE transitar para a QUINZAINÉ. E isso pode significar mais filmes portugueses em CANNES.

**Sendo já um grande festival, a ideia de serem um festival de Cinema independente ainda faz sentido?**

Nós temos tentado desmistificar o conceito de independente. Para nós, significa aquilo que há de mais autoral, aquele tipo de pessoas que fazem Cinema com total liberdade. Hoje em dia, o INDIE LISBOA passa os 250 melhores filmes do ano, para nós, independentemente de serem catalogados de independentes ou não. Para nós, é um festival generalista de Cinema, onde passam aqueles que nós consideramos os 250 filmes melhores do ano, sejam curtas ou longas-metragens.

**Como fazem essa selecção? Como chegam à conclusão de que os filmes seleccionados são melhores 250 filmes do ano?**

Em primeiro lugar, funcionamos por candidatura. Há festivais que funcionam por convite. No nosso caso, é o oposto. Convidamos directores ou produtores a inscreverem-se numa pré-selecção. A partir daí, o filme passa pelo crivo do comité de selecção do festival. Este ano, batemos o recorde de filmes inscritos, o que aliás tem acontecido todos os anos. Tem a ver com o reconhecimento do festival. Neste momento, vamos em cerca de 4 mil inscrições, entre curtas e longas-metragens. Recebemos filmes de todas as partes do mundo. Depois, começa o trabalho do comité de selecção das longas e das curtas, sendo o trabalho coordenado pela direcção. Cada programador ajuíza cada filme e, no final, fica uma espécie de pool, de onde constam os filmes com as notas mais altas dos programadores. Só depois é que os filmes passam a ser discutidos faseadamente.

TEXTO FRANCISCO MANUEL\* + FRANCISCO VAZ FERNANDES  
FOTO JAVIER DOMENECH

## MIGUEL VALVERDE INDIE LISBOA

**Mudaram de escritório recentemente. Este espaço é muito maior que o anterior. Significa que o INDIE LISBOA conta com maiores verbas?**

É uma bela pergunta feita na negativa, porque o aluguer aqui é mais barato do que na Almirante Barroso. Depois, o outro escritório apenas tinha 4 divisões e com uma equipa crescente –e hoje trabalham 15 pessoas fixas na equipa– já tínhamos alguns a trabalhar no terraço, o que não era uma boa ideia, porque o tempo nem sempre está bom.

**Mas como conseguiram um espaço mais barato numa rua supostamente mais cara?**

Foi uma questão de sorte. Procurámos durante alguns meses e, depois de algumas negociações, acabámos por nos mudar para a Guerra Junqueiro.

**Provavelmente o 222 nunca viria a ter os apoios que se conseguem para um festival, o que me leva a pensar que esse tipo de programação provavelmente estaria condenado hoje em dia.**

É preciso não esquecer que o 222 acabou porque, entre 2002 e 2003, o público diminuiu, os bilhetes aumentaram de preço e não era possível alugar a sala durante os fins-de-semana. Isso impossibilitava termos a programação que gostaríamos para uma gestão correcta daquela sala de cinema. Mas a urgência de salas como o 222 em Portugal está hoje na ordem do dia e será até um dos assuntos dos painéis de debate desta edição do INDIE. O KING está moribundo e não há outra sala em Lisboa e muito menos no resto do país que possa passar Cinema independente. A Europa, pelo contrário, está a renovar este tipo de salas, para combater



ID: 29586692

01-04-2010

### Mas não procuram grandes realizadores que tragam prestígio ao festival, como aconteceu no ano passado com WERNER HERZOG?

Acreditamos que, para que um festival corra bem, para que vá ao encontro da crítica, do público e das nossas expectativas enquanto programadores, tem que ter filmes de qualidade independentemente dos nomes. HERZOG pode errar e, nesse ano em que erra, nós não vamos seleccionar o filme. Mas na maior parte dos casos ele acerta e por isso é que, este ano, temos dois filmes dele. Ambos estão em competição no FESTIVAL DE VENEZA. Entre os muitos filmes seleccionados, se houver um nome conhecido isso é óptimo porque é uma forma chegar mais perto do público. É o caso de ABEL FERRARA que, este ano, passa no INDIE com um documentário "Napoli Napoli" sobre a máfia.

ACREDITO QUE O CINEMA PORTUGUÊS DEVEIA TER COTAS. EM GERAL O CINEMA PORTUGUÊS DEVEIA ESTAR PRESENTE NÃO SÓ PORQUE É FEITO COM MUITO ESFORÇO, MAS PORQUE COMPARATIVAMENTE A OUTRAS ARTES TEM MENOR EXPRESSÃO.

### Pensando na dificuldade que o Cinema português tem em chegar às salas, tem alguma preocupação em privilegiar a selecção portuguesa?

Acredito que o Cinema português devia ter cotas. Em geral, o Cinema português devia estar presente não só porque é feito com muito esforço, mas porque comparado com outras artes tem menor expressão. Na verdade, está-se sempre à espera que seja apenas o Instituto de Cinema a apoiar o Cinema. Não há outras entidades a fazê-lo. O Cinema português precisa de ser visto nas salas, precisa de arranjar um público. O festival tem uma competição nacional, daí já o estamos a privilegiar nesse contexto. Mas, mais uma vez, tal como acontece com o outro Cinema, acreditamos que há bom Cinema português e mau Cinema português. Tentamos escolher o melhor Cinema português para passar. E tem corrido bem. Não podemos esquecer que fomos o primeiro festival a passar um filme chamado *Arena*, que ganhou o prémio de melhor filme português e, duas semanas depois de ter sido exibido em Lisboa, ganhava uma Palma de Ouro em CANNES. Ora, nós nunca tínhamos tido uma Palma de Ouro em CANNES. Em toda a história desse festival, tínhamos tido até então apenas 2 ou 3 curtas seleccionadas. Outro bom exemplo: GABRIEL ABRANTES. Começou connosco e foi uma clara aposta nossa, ganhando o prémio EDP para Jovens artistas. É um artista que vem das Artes Plásticas mas que nós sentimos que tinha uma energia criativa que era necessário apoiar.



### Conhecemos GABRIEL ABRANTES. É o caso de um artista que não vem do Conservatório, tem um método de trabalho peculiar. É este cinema que querem apoiar?

A única forma de um festival crescer em termos nacionais, revelando mais autores, é continuando a apoiar aqueles que fazem bom Cinema e, ao mesmo tempo, descobrir novas pessoas, com essa urgência em produzir.



### Já pensaram alguma vez em ser uma produtora?

Já todas as ideias nos passaram pela cabeça, mas de facto, cada macaco no seu galho. Nós somos uma montra de exibição alternativa. É uma tentação porque sentimos que alguns cineastas não estão a ser apoiados e nós gostaríamos que fossem. Há muitas formas de o fazer e transformarmo-nos numa produtora não penso que seja uma delas. Significaria passar a seleccionar os nossos filmes, o que transformaria o festival numa coisa familiar quando, na realidade, queremos o oposto. Contudo, já pensámos em criar um fundo que permitisse a alguns autores em dificuldades acabar os filmes. Acontece muitas vezes. Muitos cineastas não conseguem terminar os seus filmes por falta de dinheiro.

### Mas nesse caso teriam ainda um júri para selecção desses casos?

Exactamente. Acho que seria mais por aí. Seria melhor do que estar a fazer concorrência àqueles que são os nossos melhores clientes. Na prática, queremos trabalhar com todos os produtores e produtoras por igual e se cada produtora produzir cada vez melhor e mais, então teremos cada vez mais matéria para poder

escolher. Também já nos passou pela cabeça a tentação de ser uma distribuidora, porque muitas vezes passam pelo festival filmes que poderiam vir a ter público em sala, mas que fruto da inércia da distribuição portuguesa, não são comprados. Nós criámos um prémio de distribuição, atribuído pelo júri internacional das longas-metragens, para um filme que eles considerem adequado para as salas portuguesas. Este ano, temos 10 mil euros para esse prémio, o que significa que qualquer distribuidora nacional se pode candidatar à compra do filme que ganhar nessa categoria e ter dinheiro para a promoção do filme.

### Pessoalmente, quais foram os momentos mais gratificantes do festival?

Quando JOHNNY TO confirmou que vinha o festival. É um cineasta que adoramos e era dos poucos que tinha passado todos os anos pelo festival. Quando ele aceitou vir como homenageado, na 6ª edição, depois dos convites que lhe fazíamos desde a primeira, para nós, foi a confirmação de que o festival podia trazer as pessoas que mais admiramos. Estou a lembrar-me de um outro momento. Quando estávamos a idealizar a nossa primeira edição, um de nós teve a ideia maluca de convidar o FESTIVAL DE SUNDANCE como herói independente. Na altura, parecia-nos impossível. Mandámos o convite por e-mail e, passado duas semanas, tínhamos uma resposta positiva. JOHN COOPER, o seu Director, quando veio ao festival disse-nos que decidiu positivamente porque olhou para o nosso site e achou que mostrava que éramos muito organizados e que tínhamos potencial. Isso deixou-nos muito orgulhosos. Quando voltou cá, em 2006, como membro do júri internacional disse-nos: "estão a ver como eu tinha razão."



### Com tantos filmes que tens que ver, é fácil haver o filme da tua vida?

Nunca soube responder a essa pergunta. Nem quando tinha 15 anos nem agora que tenho 39. Sempre tive a mania de fazer listas. Tinha a lista dos 25 filmes de que mais gostava, como dos 25 livros e dos 25 atletas e por aí adiante. Os objectos fazem parte das minhas coisas, tenho imensos DVDs, imensos livros. Agora, tenho dificuldade em nomear um filme e ainda recentemente dizia que não tinha filmes mas cineastas preferidos. Vi todos os filmes de alguns deles.

### Então podes responder quem é o cineasta da tua vida?

Há 10 anos, podia responder. Era o NANNI MORETTI. O *Polambella Rossa* foi um filme importante na minha vida. Fez-me descobrir um cineasta. Quando o filme estreou, em 90, estava a estudar e obriguei todos os meus colegas da Faculdade de Direito a ver o filme e vi-o durante 3 dias seguidos. Gostei de toda a obra seguinte. Hoje em dia, gosto muito de BEN RIVERS. Este ano, vamos ter uma retrospectiva completa do trabalho dele. Não consigo explicar completamente porque gosto tanto, mas há uma riqueza emocional, uma qualidade na metáfora, na aproximação às personagens e, por essa razão, vai estar em foco na secção de Cinema emergente. Há cineastas que me decepcionaram. Eu adorava FRANÇOIS OZON, mas parece-me

que parou há seis anos, na sua terceira longa-metragem. JOHNNY TA está obviamente na lista dos favoritos.

### E se tivesses que escolher um cineasta português?

Talvez o PEDRO COSTA.

### Mas nunca passou no Festival?

Passou em 2007, num projecto do FESTIVAL DE JEONJU em que três cineastas eram convidados a realizar três curtas que passam como se fossem uma longa-metragem. Estavam envolvidos HARUN FAROCKI e EUGÉNE GREEN, um realizador que também está entre os meus

favoritos. Este ano, vamos ter um filme onde COSTA colaborou e que vai passar na secção internacional de curta metragem. PEDRO COSTA tem qualidades que aprecio imenso. Cada filme dele trouxe-me uma experiência completamente diferente do Cinema. Lembro-me de *"Sangue"*. Faz parte do núcleo de filmes que me fizeram descobrir o Cinema.

